

Perspectivas da Medicina em Brasília

JOFRAN FREJAT

A história da assistência médica em Brasília ainda precisa ser analisada em maior profundidade, para o entendimento das razões pelas quais a cidade sofre, hoje, a descrença no seu sistema assistencial.

O planejamento inovador de Bandeira de Mello, em seu perfil eminentemente público, em uma cidade apenas esboçada, exigia, da mesma forma que a famosa "dobradinha" para os funcionários públicos transferidos, a adoção de mecanismos que compensassem, inclusive financeiramente, a vinda de bons profissionais para a nova capital. A fórmula adotada foi a de carga de 36 horas semanais, remuneradas de forma fixa, mais um **pro-labore** por procedimento médico e, ainda, o direito de atendimento da clientela particular, na própria instituição pública, em horário preestabelecido.

É evidente que essas vantagens atraíram não apenas bons e sérios profissionais, mas também outros que fizeram enorme esforço para que não houvesse ampliação da rede física nem contratação de novos profissionais que acabassem por dividir o bem protegido "bolo".

Começou o aprendizado. O congestionamento do atendimento aos previdenciários levou-os a optar pelo atendimento particular, naturalmente mais ágil, no próprio hospital público. O resultado não podia ser outro: suspensão do atendimento particular, por claro desvio do objetivo inicial.

Permaneceu, contudo, o sistema de pagamento através de **pro-labore** que não permitiu corrigir distorções ao planejamento de saúde original, mesmo após a limitação do ganho, imposta em 1964.

Diga-se, a bem da verdade, que administrativamente houve pelo menos dois hiatos desenvolvimentistas e modernos que poderiam ter mudado a história da medicina em Brasília. Trouxeram real recuperação do tempo perdido e prepararam a infra-estrutura de atendimento com clara melhoria do sistema assistencial para a sociedade e para os profissionais de boa vontade. Logo foram sufocados pelo obscurantismo, inveja e interesses escusos de outros que, embora

alardeando o contrário, sempre estiveram equivocados quanto aos compromissos sociais e objetivos da classe médica.

Por que, então, Brasília, tendo um dos maiores índices profissionais/população de todo País; tendo, proporcionalmente, o maior número, em todo Brasil, de médicos pós-graduados, inclusive no exterior, permanece padecendo de críticas ao seu atendimento? Por que Brasília, que funciona adequadamente em outros setores, sofre dificuldades em se afirmar exatamente na profissão do seu fundador, Juscelino Kubitschek? São perguntas que saltam aos olhos ou da boca de todos.

Em primeiro lugar é necessário esclarecer que nenhum País, nenhum hospital do mundo conseguiu ter os seus serviços desenvolvidos sem um bem estabelecido sistema hierárquico. No DF, o nivelamento, por baixo, de médicos com qualificações distintas, sem observação mínima a um **banking** de experiência, títulos e trabalhos, levou, na prática, a que todos fossem considerados apenas médicos. Dessa forma, não foi nem é incomum que recém-saídos do aprendizado, na Residência Médica, passem a chefiar os seus próprios mestres. As chefias dos serviços são fugazes. Algumas, de fundo político institucional e outras até de fundo político eleitoral, sofrendo o eventual chefe da constante ameaça de substituição, dificultando, portanto, o estabelecimento de medidas disciplinares convenientes e permanentes. Não há, pois, meios para construir um serviço sedimentado na experiência, orientação e conhecimento dos mais capazes, com raras e surpreendentes exceções.

Como consequência desse fato, alado a baixos salários, más condições de trabalho, ridicularização de valores cognitivos é a busca desenfreada do ter e não do ser, que acaba por aglutinar os menos capazes, enveredou-se pelo abandono da qualificação, quase como um "salve-se quem puder", nessa pletora de médicos em busca de mercado de trabalho e de sobrevivência.

É evidente que outros fatores também contribuíram para esse quadro: o número de profissionais despejados, a cada ano, pelas faculdades de Medicina, a qualidade dessas facul-

dades, as características da Residência Médica que não passa hoje de supletivo de um curso médico malfeito ou de um subemprego, carga horária e tantos outros que não cabem em artigo despretensioso como este.

Por fim, a ação política. Houve e há quem utilize o setor médico com objetivos políticos ideológicos e partidários. Usaram o setor público de saúde como cabide de empregos, retirando de funções específicas indivíduos treinados durante anos, para colocar cabos eleitorais. Basta lembrar a denúncia pública, hoje no Tribunal de Contas, de que o governador, anterior a Roriz, admitiu no Serviço Público do DF 13 mil servidores e, destes, quatro mil na FHDF sem que se tivesse notícias de funcionamento de novas unidades. E, mais ainda, sob o clamor público da deterioração dos serviços de saúde.

Ora, é indiscutível que essa insensibilidade, essa falta de visão, esse jogo de interesses e a própria apatia da classe médica, que, até por comodidade, emprestou a sua força a grupos ativistas ideológicos, nos trouxeram a esse porto inseguro.

Daí para a estigmatização foi apenas um passo. A imprensa deitou e rolou sobre uma frase de efeito atribuída ao sr. Magalhães Pinto de que o melhor médico ou hospital de Brasília era a Ponte Aérea. Até mesmo alguns representantes de nossa classe, quando do seu interesse, divulgam a frase. Esquecem de dizer que esse político esteve internado em estado gravíssimo no HBDF, atendido por médicos da cidade, que lhe recuperaram a saúde e dele guardo correspondência elogiando a equipe e o hospital que o assistiram.

Aflora afinal a grande questão: qual a perspectiva da medicina em Brasília? Brasília tem profissionais culpáveis aos melhores do País nas diversas áreas. Tem serviços do melhor padrão. Da mesma forma que em outros centros médicos, as autoridades e os profissionais de saúde, se assim desejassem, poderiam escolher uma ou duas ou três especialidades, constituir serviços de alto padrão e transformá-los em pólos de desenvolvimento médico e técnico.

■ **Jofran Frejat, médico e deputado federal pelo PFL, é candidato à reeleição**